



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

D. AFONSO V E O PRÍNCIPE D. JOÃO. ENSAIO SOBRE UMA REGÊNCIA.

LAPA, Manuel Rodrigues

Ano: 1925 | Número: 35

Como citar este documento:

LAPA, Manuel Rodrigues, D. Afonso V e o príncipe D. João. Ensaio sobre uma regência. *Revista de Guimarães*, 35 (1) Jan.-Mar. 1925, p. 33-43.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

D. AFONSO V E O PRÍNCIPE D. JOÃO

ENSAIO SOBRE UMA REGÊNCIA

(Cont. da pág. 222 do vol. ant.)

Entretanto D. João, no fim dêsse ano de 1480 dava cumprimento ao tratado de Alçáçovas, mandando ir de Beja para Moura o seu filho, acompanhado do bispo de Silves e do barão de Alvito. Pela mesma ocasião devia ser entregue a princesa D. Isabel, que estava na vila da Fonte do Mestre, ao cuidado de D. Afonso de Cárdenas, e de outros senhores. Notificada a entrega por Rodrigo Afonso e Rui de Pina, os embaixadores castelhanos vieram até Frejenal com a princesa. Isabel tinha enviado dois homens mais, o bispo de Coria e o licenceado de Ilheseas, que, juntamente com o prior do Prado e com o doutor Afonso Manuel, haveriam de velar pela entrega da filha, nas condições do tratado. Vieram a Moura os quatro sem a princesa. Não se sabe ainda porquê, — mas é provável que andasse ali mão da rainha, — os dois primeiros não queriam consentir na entrega. Os outros, que tinham sido já regalados com o oiro do príncipe, discordavam da recusa.

Foi então que D. João, ao tempo em Beja, donde seguia tudo isto, interveio enèrgicamente, mandando aos embaixadores recalitrantes dois papelinhos, um com a palavra *Paz*, outro com *Guerra*. O efeito foi seguro e a princesa foi solenemente entregue a 11 de Janeiro. Como penhor, a infanta D. Beatriz fêz também entrega do seu filho D. Manuel, em lugar de D. Diogo, que ao tempo se encontrava doente.

D. Afonso V, mal que recobrou fôrças, num desampêgo completo do mundo, foi encerrar-se no convento do Varatojo, junto de Tôrres Vedras. Era o ressurgimento da velha tendência mística, que o esteve para levar a Jerusalém. Tinha sido êle mesmo que, em Fevereiro de 1470, acompanhado de luzida côrte, deitara a primeira pedra do mosteiro, após uma eloqüente oração do famigerado Fr. João Vieira. Mal poderia julgar naquele momento, que um dia aquele retiro lhe serviria de refúgio e seguro asilo contra as tempestades do mundo.

Os cronistas não referem pròpriamente que D. Afonso esteve no Varatojo. Dizem apenas que fazia tenção de lá se meter, depois de convocadas as côrtes, nas quais faria a sua solene abdicação em favor do príncipe. Sabe-se porém que esteve curto tempo nesse mosteiro, que, devido à sua cêrca espaçosa, cheia de árvores de fruto, à sua mata pujante, havia de receber depois o nome de *Casa do regalo*. Será curioso surpreender o rei nesse viver modesto, que tam bem quadrava à simpleza do seu espírito.

Andava vestido com a murça parda dos donatos, rezava no côro o ofício divino com os frades, ouvindo missa duma tribuna, que tinha mandado fazer para si, e comia, igual dos outros, no mesmo refeitório. A tribuna era um repartimento acanhadíssimo, com um postigo estreito para ouvir missa sem ser visto pelo povo, e uma porta que dava para o côro. Para a parte do adro havia uma janela, onde atendia os que o procuravam, em busca dum parecer ou duma dádiva. Era dessa janela também que repartia pelos pobres, que acudiam ali, o oiro da sua bôlsa e os conselhos da sua alma affectuosa (1).

De tal modo se afeiçoara já à quietidão da vida religiosa, que depois dalguns meses passados no convento, determinou professar a regra de S. Francisco, vivendo no Varatojo como frade leigo, e vestir definitivamente o saial em vez da púrpura régia. Neste

(1) Fr. Manuel de Maria Santissima, *Historia do Varatojo*, págs. 63-4, Ms. da Bibl. Nacional; Fr. Fernando da Soledade, *Historia Seraphica*, III, págs. 312-5.

propósito fez-se conduzir a Beja, onde estava o príncipe, vigiando as tercérias e a entrega do duque D. Diogo, já restabelecido, que havia de ir passar um ano a Castela, substituindo o seu irmão (1). Comunicou o pobre rei a seu filho a vontade que tinha de convocar còrtes gerais, nelas fazer solene abdicação e retirar-se para o Varatojo. Ficou isto assente, quando, ao voltar de Beja, foi acometido de febre súbita e violentíssima. Mandou que o levassem a Sintra e o deitassem no leito da câmara onde nascera. A 28 de Agôsto morreu o último rei cavaleiro.

E agora duas palavras de reabilitação sôbre êste rei. A inteligência de D. Afonso V, a sua esmerada cultura, são bem do Renascimento; mas o seu temperamento, os arrancos interiores da sua alma pertencem àquela donosa época, em que se combatia pela cruz e pelas damas ofendidas. Educado numa escola de cavalaria, ficou-lhe sempre o gôsto das correrias e torneios; mas num doloroso período de transição, o seu espírito tinha de volver-se, curioso e simpático, para aquela onda de cultura renascente, que começava de banhar a Europa. A substância intelectual e moral das novas doutrinas, que eram antigas doutrinas, assimilou-a gostosamente; mas a ideologia política, as suas novíssimas normas de execução não foram bem acolhidas por aquele rei, que reflete no domínio político e humanístico a incerteza e confusão daquela época de passagem.

Homem simples, levado pelo primeiro impulso, quási sempre generoso, desestimava os cálculos, as complicações. Na teia dos acontecimentos sabia bem avaliar os prós e contras duma empresa; mas, como era obstinado e cavaleiro, cuidava que recuar fôsse desairoso, e nem sempre o fêz, quando porventura o deveria ter feito. A sua herôicidade era coerente e

(1) D. Diogo foi entregue numa quarta-feira, 20 de Agôsto de 1481, na vila de Frejenal de la Sierra a D. Alonso de Cárdenas. Foi testemunha o coudel-mor Fernão da Silveira.

constante. Tomou armas por uma pobre princesa, expulsa do trono e vilipendiada pelos seus próprios naturais. Nada mais belo que ver êsse rei, através de contrariedades sem fim, defender a honra e proteger os direitos duma fraca mulher. Era isso antigamente timbre da boa cavalaria portuguesa. Não atingiu o fim almejado porque encontrou do lado opôsto uma soberba figura de rainha, que lhe contrariou os planos e lhe resistiu em campo ⁽¹⁾.

O defeito principal que lhe assacam é o de ter sido liberal em demasia, de ter dado muitas vezes o que não podia nem devia. Foi êsse com efeito o seu maior erro: um rei deve ser avaro do bem comum. Contudo, se dava, era por generosidade, por grandeza de ânimo e por vezes para premiar bons serviços prestados. A guerra de Castela foi um manancial de tenças e mercês, a ponto de se pedir nas côrtes de Evora de 1481, num dos capítulos da fazenda, que fôsem tiradas as tenças dadas por serviços feitos em Castela. D. João II, compenetrado do seu dever de rei, respondeu ao capítulo que essas tenças «forom postas per respeito de serviços, despesas e trabalhos, que levarom as pessoas a que forom postas.»

Esta resposta reabilita o pai no conceito dos que o censuram de excessivamente pródigo, e o filho, no daqueles que o acoimam de cubiçoso de bens alheios, adquiridos na defesa do país.

Um rei houve por êsse tempo em Castela, o desprezado e aviltado Henrique IV, que costumava dizer ao seu tesoureiro: — «Dad á los unos porque me sirvan, á los otros porque no roben; á bien que para eso soy rey, y por la gracia de Dios, tesoros e rentas tengo para todos». D. Afonso V, êsse, conhecia bem aqueles a quem dava. Numa carta muito interessante, que escreveu ao conde de Guimarães, empenhado no casamento com sua sobrinha, há notas inteligentes sobre o carácter, o costume de pedir do infante D. Fer-

(1) Lafuente define-o assim: «especie de coronado paladin, que representaba el espíritu caballeresco en el trono, y que acaso, sin una heroína como Isabel, hubiera ganado la empresa de Castilla.» — *Hist. de España*, II, pág. 260.

nando, e não se esquece o rei de acentuar: "poderá ser que alguns príncipes há neste mundo, que trabalharão por não ajuntarem tanto os grandes de seu reino, antes o haverão por seu desserviço".

O que atrás fica dito servirá talvez para melhor encarar essa figura de rei, injustamente apoucada por alguns historiadores, apaixonados pelo Príncipe Perfeito. As duas cartas, que dêle publicamos, projectam luz sôbre a aventura de Castela e sôbre as ambições que se desencadeavam em tôrno dêsse feito. Será mister considerar a personalidade de D. Afonso V sob outro melhor aspecto. O estudo criterioso da época em que viveu, das circunstâncias em que reinou, das tendências e aspirações dos homens que o rodearam, fazem-nos ter dêle uma opinião, decerto bem diferente da de outros escritores, suspeitos de parcialidade.

MANUEL RODRIGUES LAPA.

Carta delrei dõ afõso o quinto ao marques dõ Pedro estãdo em Frãça semdo comde de villareal.

Cõde sobrinho amigo. Eu vos envio muito saudar como aquelle a que muito amo. Matêço capellão da sñra rainha me disse algũas cousas de vosa parte así acerca dalguũs feitos de castella como duũ grãde ofrecimento que me enviaveis fazer de me emprestar certa soma de dinheiro tudo vos agradeço muito e por mui certo tenho que aimda que eu agora de vos seja allongado bem por quatrocentas legoas que de todo o que he meu serviço vos temdes tãta lêbrãça como se eu presente llaã fose e aimda creio que mais porque no tempo que a maior parte dos outros desfallecem emtãdo creio que vos mais esforçais pera me servir por ser conhecida mais vosa virtude e o amor que me aveis mostrado (cod. 3776, fl. 149, v.). E não he sem razão eu cuidar que o vos así aveis de fazer lembrãdome o muito divedo (devido) que comigo têdes e a criação

vosa comigo quasi do mais tempo que me sei acordar e depois por as merces que de mi aveis recebido as quais postoque não sejam tamanhas quãto minha vôtade he pera volas fazer a vos que sois tão agradecido e de tão boõ conhecimẽto menos que estas vos farão sempre muito me amar. E se vos tão llebrado sois em me servir nẽ eu não espero de ser menos omde quer que em dõ llevar de toda vosa hõra e proveito e posto que o dinheiro caa nesta terra me seja bem necesario eu de vosa vôtade são bẽ cõtemte e não quero outro serviço demprestimo soomẽte que voso dinheiro tenhais pera despenderdes em meu serviço e do príncipe meu filho como sẽpre ate qui fizestes esperãdo de mi e delle que vos avemos de gallardoar vosos serviços segũdo he rezão e vos bẽ mereceis. Das cousas que llaa fazeis nesa fromtaria de que vos emcarreguei segũdo me este matẽço dise e outros que de llaa vierão eu folgo muito nẽ espero de vos menos que ajais de fazer em todo o que puderdes por meu serviço avemdo por certo que por mingoa damor ou por íraqueza de coração algũa cousa não aveis de lleixar de fazer. Outra cousa vos não emcarrego por ora senão que me ameis e sirvais o príncipe meu filho así como a mi sempre fizestes que disto eu serei bẽ cõtemte. Das novas de caa vos não escrevo pollo meudo por que poucas são as dimportãcia pera vos aver de fazer saber e das outras os que comigo caa estão creio que tâtas escrevẽ que não duvido que per outrẽ saibais o que dellas vos poderia escrever. Somẽte vos afirmo que do sñor rei de frança eu tenho delle avida (ovido) muito boa pallavra pera me aver dajudar a cobrar castella cõ todo seu poder e que agora avera poucos dias que fui ver o duque de borgonha meu primo e fallar coellie o qual me recebeo tão bem que outra pessoa elle cõ melhor vôtade não recebera nẽ cõ tanta cerimonia. Das cousas que lhe fallei achei tal resposta que eu fui bem cõtemte. Omtẽ segũda feira que forão seis deste mes de janeiro me chegarão novas como o outro dia damtes que era domingo elle foi desbaratado do duque lloreina e dos allemãis que erão em sua cõpanhia jumto do llugar de nansi sobre que elle tinha posto cerco que era dez llegoas domde eu estava. Os que dos seus forão presos e mortos eu volo

não saberia escrever porque ainda não são certo de quãtos nẽ quais são nẽ do duque meu primo ainda não sei omde he são cousas de deos ou da fortuna. Agora eu me torno omde o snõr rei de frãça estaa pera lhe fallar algũas cousas e lhe requerer o que emtẽdo que a meus feitos cumpre e espero dachar nelle o que jaa emcima vos escrevi. Minhas saudaçõis vos rogo que deis aa cõdesa minha sobrinha e a dõ fernãdo dizeilhe que se elle caa viera comigo emtẽdo que folgara mais que destar cõ vosco posto que vos tenha amor de padre de quẽ elle recebe asaz boa cõpanhia. Ao bispo de llamego me enviai minhas saudaçõis e dizeilhe que não são esquecido das llgrimas que lhe vi llamçar ao tempo da minha partida. Escrita em paris a XXI de janeiro de 1487 (1477) — Cód. 8920 — 221 v. e 222, Cód. 3776, fls. 149-151.

26 de jan.^{ro} 477. de Paris.

Del Rey Dom Afonço o 5.^o a G.^{to} Vas de Castelo-branco.

Gonçalo Vas, amigo, vi duas cartas que me enviastes, hũa me deu Joanne Mendes escudeiro do príncipe meu filho; a outra Fernão Enes. Quanto ao que dizeis do que sentis deste Reino e do que eu devo parar mentes nisto qua volo agardeço m.^{to} assy isto como todo al que me escrevestes, e aconselhastes, avendo que vai de todo amor que sempre tivestes a minha alma, e a minha honra e a meu credito, mais do que pella ventura otros tiverão, e poderá ser que alguns haverão castigo de Deos, que o não ouverão de my; porque as vontades dos homens são escondidas e ainda que as más tenham não se pode assy conhecer e salvão-se, dizendo, assy me parece a my, e nõ tão mais obrigado a dizer o que entendo, o que às vezes he bem peilo contrario. E não será maravilha que estes se a rependerão polla ventura mais que os outros que desejarão dizerme tudo e nas verdades que já lhes ora peza a tantos. Os juizos de Deos são escondidos;

m.^{tas} vezes vem mal por bem, por m.^{tos} respeitos; emperó nos sempre cuidamos que nossos pecados são causa de nossos trabalhos, porque ao menos quando nos doecem, nos arredarmos com medo da pena do inferno, que com receo de perdermos as couzas do mundo dellas nos afastemos. Vos melhor que outrem sabeis quanto eu este feito de Castella sempre arreceei, certo erro que não poem mingoa de arrazoar; porque ainda que em poucos fosse, a my parece que não são m.^{tos} tam acordados nas pellejas como erão nos concelhos, quando o desejo de interesse lhes cegava o juizo da razão e de my algũa couza mais tenho conhecido, porque isto com verdade ouzo de dizer, emperó acceitei este Auto, nosso S.^{or} o sabe, não por prazer que esperasse de ver, só o desejo de o m.^{to} servir e receando que se o não fizesse que ante elle fosse digno de culpa; é verdade que mete dor da prata das igrejas, Deos sabe quanto minha alma o sente; mas a grande necessidade, com a instancia e afincados concelhos doutrem me fes errar nesta derradeira parte; e quanto em Castella andei, vós sabeis e os outros q.^{to} com a pás me prazia e quanta reprehensom levei por ella, de tal maneira que m.^{to} e todo e os feitos de Castella a mi pareceria, porque na maior parte dos concelhos eu era singular, que eu tinha o si estrovado; e como a nosso S.^{or} Jezu Xpo ora misturavão hũa couza ora outra, dizendo que com desesperação querião morrer, se lhes algũa couza requeria que lhes parecia perigoza de fazer. E porem sei bem que ainda que lhes prás conhecer agora que aquellas erão couzas de cavaleiro e principe pera se ofrecer acabar e não pellos passos em que fomos, se dizia que nos concertassemos; dizião que a mingoa de coração o fazia. Em quanto em Portugal estive, em couzas de guerra eu fiz sempre mais o que a my pareceo bem, que seguir o concelho nem prazer doutrem; mas quando entrei em Castella tomei por fundam.^{to} estar em q.^{to} bem pudesse pollo que á maior parte parecesse, em especial aos castelhanos, por eu entender que tinham melhor informação das couzas daquella terra e me eu delles m.^{to} fiar; avendo que nosso S.^{or} menos castigo me daria do que se dy seguisse, tendo receo de se poder dizer por my o que ora por o Duque de Borgonha se dis, que era homẽ

de sua cabeça e que por isso se perdeu. Eu vim a estas partes, não foi por al se não por ver se com meu perigo ou trabalho podia salvar Portugal e ganhar Castella, e quando tudo não pudesse eu seria contente do que a Portugal pertencia. Neste termo estou, e pois que o envio dizer ao Príncipe meu filho, podereis saber as couzas de qua, como estão ora; escuza mais desejo de vingança nem cobiça de honra do mundo, senão fazer o que for mais servisso de Deos e bem da minha consciencia (praza a Nosso S.^{or} que mo leixe bem conhecer) não ha em my paixão iouvores a elle porque cuido o não fizesse, nem em Portugal não ha pessoa a quem mais doam os trabalhos d'elle do que a my, mas não sei outro melhor remedio nem mais são caminho para a minha alma. Dagora ao diante não sei o que será per a sua misericordia que me não leixe ser enganado quanto ao carrego que vos eu leixei de minha consciencia e assy o que vos já dantes ereis de minha fazenda vos prometo que tudo façais e aveis de fazer mui bem e vos encomendo que hajais paciencia com o trabalho quella sei que vos dará; porque não hé este o menos servisso que eu em conta trago e nisto não sinto agora outra couza de novo que vos haja de escrever. Quanto ao feito da finta, tudo que o Príncipe meu filho fizer, assy em isto como em al ey daver por bem, posto que a my me siga daqui assas trabalho por mingoa de dinheiro. A vossa molher dai minhas saudações e lhe dizei que lhe rogo que me encomende a Deos, porque eu creio que ella o fará com tal vontade, e depois por sua virtude, que espero que Nosso S.^{or} lhe outorgará tudo o que lhe pedir. De Martim Vaz vos não escrevo, porque elle terá cuidado de o fazer, senão quero que saibais que eu são d'elle bem contente e hũ dos trabalhos e servissos que me fas hé ler vossas cartas; escrita em Paris a 26 de jan.^{ro}

Das outras couzas que me escrevestes por outra carta vos respondo. (1)

(1) Tirada duma cópia que se guarda no Hospício da Terra Santa junta com outros manuscritos em 1 vol. de fol. tom. IV-E. — *Cod.* 6963 da Bibl. Nacional.

NOTAS E CORRECÇÕES FINAIS

Pág. 110 (vol. xxxiv).

Nesse conselho um dos que mais contrariaram a ida a Castela foi o chanceler Rui Gomes de Alvarenga. Aduziu várias razões e declarou que calava uma, por não ser para ali. O príncipe perguntou-lhe depois qual tinha sido essa razão, e o chanceler respondeu-lhe: — A outra razão é não ser para isso vosso pai. — *Códice* n.º 666, pág. 180, da Bibl. Nacional.

Pág. 111-2, nota 2.ª.

Devido a uma leitura precipitada do manuscrito, a todos os respeitos curioso, porque se funda em documentos tirados do antigo Arquivo Arquiepiscopal, errámos ao dizer que era o vigário geral Lourenço Vaz, que andava a difamar D. Jorge pelas praças de Roma. Foi o prior da igreja de Santa Maria de Valada, Martim Fernandes de Gouveia, que fêz ao cardeal tam boas ausências. Depois, em 2 de Abril de 1478, o padroado de Santa Maria de Valada foi dado a D. Afonso V, em troca do de Santa Justa, em Lisboa.

Pág. 117, nota 2.ª.

Sôbre Antão de Faria deve consultar-se o estudo substancial de Braamcamp Freire na *Crítica e História*, I, págs. 251-370.

Pág. 120, nota 1.ª.

Chegaram a realizar-se, mas foram interrompidas pela vinda do rei e continuaram em Lisboa, no ano seguinte.

Pág. 120, nota 2.ª.

Suspeitamos que foi Afonso Garcês, quem porventura coligiu os documentos insertos no código n.º 443 (Pomb.) da Biblioteca Nacional, e no código n.º 1163, da Torre do Tombo. Levam-nos a esta suposição a natureza do seu cargo, alguns passos desses manuscritos, especialmente fls. 80, 98 v., 102 v., 103 e 126 v. (cód. 443) e sôbre tudo o desenvolvimento que dá ao noticiário das côrtes de

Evora de 1481, nas quais serviu de notário, juntamente com Alvaro Lopes, sôbre o qual também poderiam cair algumas probabilidades (ils. 46 e 130). Quem quer que fôsse, representou um certo papel na altura das negociações para o casamento de D. Afonso V com D. Joana, ainda em vida de Henrique IV.

Pág. 123, nota.

A acrescentar a estes há ainda Gonçalo de Mercado, alcaide de Ledesma, que foi favorecido por D. Afonso V com 50000 reais de tença (carta de 27 de Setembro de 1476). Os seus descendentes serviram os reis D. João II, D. Manuel e D. João III.

Sôbre os Chamiços de Portalegre, ver o *Archivo Historico Portuguez*, II, págs. 97 e 113. Pelo que toca a Catarina de Melgar, mulher de João Pires Bobadilha, também de Portalegre, recebia ainda em 1523 a tença de 20000 reais. — *Ibid.*, pág. 90.

Pág. 123, final da nota.

E' realmente Lousada, e sôbre o valor dessa compilação veja-se o *Arch. Hist. Port.*, II, pág. 483-4.

Pág. 215.

Depois que Lopo Vaz foi traiçoeiramente assassinado, o rei de Castela dizia dêle, numa alusão certamente às suas desgraças e à sua rebelde natureza : — Mal Torran, que no fue bueno de vino ni bueno de pan. — Pedrosa, *Nobiliário*, fl. 273, Ms. 1323 da Biblioteca Nacional.

Em Moura não eram raras as arruaças e motins, em que entravam as principais famílias. E' conhecida a rivalidade entre as duas vilas de Moura e Serpa. Em 1453 deu-se em Moura uma grave desordem, de que resultaram várias mortes, entre as quais a de Estêvão Lopes Pimenta e João Biscainho. As culpas recaíram sôbre o pai de Lopo Vaz, Nuno Vaz de Castelo-Branco, que chegou a estar preso, sendo ao depois reconhecida a sua inocência. — Lousada, *Sumários*, Ms. 1105, fl. 71.